

**Tendências, Expectativas e Possibilidades no Cenário Contemporâneo em Educação Profissional e Sistemas Produtivos.**

## **A centralidade da discussão sobre a relação arte-técnica para os cursos do eixo tecnológico de Produção Cultural e Design do Centro Paula Souza**

Fábio Gomes da Silva<sup>1</sup>, Emerson Freire<sup>2</sup>, Priscila Santos Oliveira<sup>3</sup>, Joana Mitsuyo Matushita Isobe<sup>4</sup>

**Resumo** - Esse artigo busca apresentar inicialmente dentro de um panorama histórico educacional como os cursos do eixo de *Produção Cultural e Design* se justificam e são ofertados pelos centros de formação técnica e tecnológica. Com foco nos cursos oferecidos pelo Centro Paula Souza em âmbito estadual, esse artigo versa sob via crítica o que empiricamente está relacionado ao ato inventivo e outras características que ora afastam e outrora aproximam essa área do conhecimento da técnica e do estado de arte que é conferido ao objeto artístico dentro e fora do espaço escolar. Para isso, uma revisão bibliográfica e documental foi realizada a fim de identificar as relações e significados que constituem e diferenciam esse eixo de outras áreas. Por fim, busca evidenciar dentro dela as discussões acerca da arte e da técnica a luz de pensadores que contribuem para ampliação das pesquisas nessa linha.

**Palavras-chave:** Arte, Técnica, Design, Produção Cultural.

**Abstract** - This article seeks to present initially in an educational historical overview as courses axis of Cultural Production and Design are justified and are offered by technical and technological training centers. Focusing on courses offered by the Paula Souza Center at the state level, this article focuses on critical path which empirically is related to the inventive act and other features that sometimes away and once near this area of knowledge of the art and state of the art is conferred the art object inside and outside school. For this, a literature and document review was conducted to identify the relationships and meanings that constitute and differentiate this axis from other areas. Finally, seeks to show in her discussions about art and technique light of thinkers contributing to the expansion of research in this line.

**Keywords:** Arte, Técnica, Design, Produção Cultural,.

---

<sup>1</sup> Mestrando em Gestão da Educação Profissional pelo Centro Paula Souza, com especialização lato sensu em Design e Humanidades pelo Centro Universitário Maria Antonia da USP. Professor do curso superior de Artes Visuais da Faculdades Metropolitanas Unidas (FMU), e do curso técnico em Multimídia da Etec Jornalista Roberto Marinho. (fbigsilva@gmail.com)

<sup>2</sup> Emerson Freire, email: freire.emerson@uol.com.br

<sup>3</sup> Priscila Santos Oliveira, email: priscila.oliveira.fateccotia@gmail.com

<sup>4</sup> Joana M. Matushita Isobe, email: samuraia@gmail.com

## Tendências, Expectativas e Possibilidades no Cenário Contemporâneo em Educação Profissional e Sistemas Produtivos.

### 1. Introdução

No percurso da expansão de cursos técnicos e tecnológicos, de nível médio e superior, optou-se a partir de 2006 por uma regulamentação que definia como metodologia organizativa os chamados *eixos tecnológicos*. Essa metodologia produziu, entre outros documentos, o *Catálogo Nacional de Cursos Técnicos de Nível Médio* (CNCT).

Dentro dele consta o eixo tecnológico designado como *Produção Cultural e Design*, sobre o qual se propõe o estudo desse artigo. Todavia, não se trata apenas de mostrar como esse eixo está organizado, mas de levantar uma problemática e uma possibilidade de abordagem que pode aparecer como central nas discussões que atravessam o eixo, qual seja, a relação arte e técnica em seu contexto sociocultural.

Assim, para o desenvolvimento desse artigo, de caráter transdisciplinar e de natureza qualitativa, foi realizada revisão bibliográfica e levantamento de dados, observando por meio das legislações e documentos publicados, as relações, significações factuais e subjetivas que permitiram estudar e compreender como o eixo tecnológico de *Produção Cultural e Design* apresenta características distintivas de outras áreas do conhecimento e de que forma dentro dela as questões relacionadas a técnica e da arte são imbricadas.

Portanto, o objetivo é partir de um referencial teórico que apresente os eixos tecnológicos na educação profissional, direcionando para o eixo Produção Cultural e Design, conforme constituído na instituição Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza, além de trazer contribuições de pensadores que apresentam uma reflexão sobre cultura, arte e técnica. Nos resultados e discussões, a partir desse referencial, propõe-se a ampliação do debate, sugerindo a centralidade e maior problematização do tema arte e técnica no eixo Produção Cultural e Design, abrindo caminho para outras pesquisas nessa linha.

### 2. Referencial Teórico

#### 2.1. Cultura, arte e técnica

Dadas as características descritas para cursos técnicos e tecnológicos, em especial para o eixo cujo trabalho de produção artística é o foco, parece fundamental que a conexão entre arte e técnica seja entendida para além da simples citação frequente do termo *techne* (arte, técnica). A mera lembrança do termo já é importante para observar a imbricação etimológica

**Tendências, Expectativas e Possibilidades no Cenário Contemporâneo em Educação Profissional e Sistemas Produtivos.**

entre arte e técnica e ajuda a compreender a sua junção com *logos*, que remete à ciência e aos saberes, talhando assim o conceito de tecnologia (*techne* e *logos*). Todavia, é preciso ampliar o entendimento dessas relações desde o ponto de vista histórico e social, principalmente diante da cultura atual, para poder observar suas especificidades na educação profissional e tecnológica.

Quando no início dos anos cinquenta, Lewis Mumford reúne ensaios sobre o tema no livro *Arte e Técnica*, sua preocupação maior era justamente captar as modificações que vinham ocorrendo no desenvolvimento dessa relação e que influenciavam o que ele chamava de integração cultural (MUMFORD, 1986). Em sua visão, um desbalanceamento entre arte e técnica se intensificava, com a técnica prevalecendo e se tornando, em seus termos, mais “compulsiva e tirânica”, enquanto a arte esvaziava-se em conteúdo e perdia espaço nessa relação. Mumford reconhece a forma extremada como coloca a problemática, mas confiando na sensibilidade de seu leitor em entender as graduações para o que ele considera central em suas sondagens, isto é, que havia uma reversão em trânsito das condições nas quais arte e técnica originalmente surgiram na sociedade humana:

O homem começou por adorar o símbolo como um poder mágico; sob a forma de palavra ou de imagem, ele era o âmago autêntico da sua humanidade, a condição para emergir de uma inteligência animal puramente instintiva. Durante longo período, o símbolo tornou os homens arrogantes, levou-os a subestimar o instrumento e o processo que este favorecia. Mas hoje em dia prevalece exatamente a condição oposta. Estamos cheios de submissas apreensões ou de um cepticismo paralisante em relação ao símbolo. Graças à abundância deslumbrante dos nossos processos reprodutivos, desfiguramos o símbolo e depreciamo-lo, tratando-o com desdém, negligência, não chegando a acreditar que a sua utilização faça alguma diferença. Inversamente, sobrevalorizamos o instrumento técnico: a máquina tornou-se a principal fonte de magia. [...] nestas condições, nem a arte nem a técnica podem estar num estado saudável (MUMFORD, 1986, p. 123).

Menos importante aqui é julgar se há um certo pessimismo ou não nas palavras de Mumford. O que interessa observar é o movimento que ele tenta captar, as mudanças que ocorrem ao longo dos tempos nessa relação arte e técnica em função do contexto cultural.

Outro pensador, o filósofo francês Gilbert Simondon, ao estudar os objetos técnicos, dirá por sua vez, que a cultura se configurou como uma espécie de defesa contra as técnicas, como se fosse uma defesa do homem, esquecendo-se que os objetos técnicos contêm uma realidade humana (SIMONDON, 1989). Embora com visões de encaminhamentos diferentes para essas relações entre cultura, arte e técnica, não necessariamente Mumford e Simondon estão em total contradição. É que para Simondon, o estado não saudável tanto para a arte quanto para a técnica mencionado por Mumford, se traduziria nesse desequilíbrio que se instalou entre cultura e os objetos técnicos. Se por um lado, se reconhece certos objetos, entre eles os objetos estéticos, como algo significativo culturalmente, por outro, objetos técnicos são rechaçados à categoria utilitária apenas, sem uma “cidadania no mundo das

**Tendências, Expectativas e Possibilidades no Cenário Contemporâneo em Educação Profissional e Sistemas Produtivos.**

significações”, como diz Simondon. Para o filósofo, diante dessa forma defensiva, passou-se a sobrevalorizar um único estatuto do objeto técnico, como objeto sagrado para somente fins de uso, de onde o crescente espaço aberto ao tecnicismo que, confluindo com Mumford, contribui para o desequilíbrio entre arte e técnica na cultura contemporânea:

Nasce então um tecnicismo intemperante que não passa de uma idolatria da máquina e, através dessa idolatria, por meio de uma identificação, uma aspiração tecnocrata ao poder incondicional. O desejo de poder consagra a máquina como meio de supremacia e faz dela o elixir moderno. O homem que quer dominar seus semelhantes suscita a máquina androide (SIMONDON, 1989, p. 10).

Inevitável não lembrar de obras de arte cinematográficas como *Metrópolis* (1927), de Fritz Lang, e/ou *Blade Runner* (1982), de Ridley Scott, que ajudariam a reforçar essa problemática, mas fugiriam aos limites deste artigo. O que se revela, por assim dizer, aliás, como observaram esses cineastas no desempenho de suas profissões, é que tais questões são centrais para compreender as relações entre cultura, arte e técnica, o que requer estudos mais aprofundados sobre essa temática.

É uma discussão que extrapola os limites de teoria e prática de uma determinada profissão, seja ela artística ou não, pois se inserem num contexto sociocultural mais amplo, inclusive nas relações de poder e política. Ao invés de limitar-se a postular a ligação etimológica entre arte e técnica, a cultura, acompanhando Simondon, poderia incorporar os objetos técnicos e os objetos estéticos, ou ainda melhor, os objetos tecno-estéticos enquanto conhecimento e valor na sociedade contemporânea.

## **2.2. Os eixos tecnológicos na educação profissional**

A metodologia de organização por eixo tecnológico passou a ser oferecida na educação profissional em tempos diferentes para os níveis superior e técnico. A primeira surgiu a partir do Decreto n. 5773/2006, instituindo sua forma de regulação, acompanhamento e avaliação nos níveis superior e sequencial. No nível técnico de ensino médio foi aprovada por meio do Parecer CNE/CEB n. 11/08, em junho do referido ano, divulgando as condições adequadas de infraestrutura, conteúdos específicos para cada curso, carga horária mínima e uma proposta de perfil de formação.

Essas orientações para oferta dos cursos técnicos foram divulgadas por meio do *Catálogo Nacional de Cursos Técnicos de Nível Médio* (CNCT) a fim de reduzir a dificuldade encontrada pelo Ministério da Educação de quantificar e acompanhar a oferta dos cursos dessa modalidade no país. Tal proposta de organização objetivava dentre tantos interesses, principalmente de ordem política, que os cursos organizados por eixos tecnológicos estivessem a partir

### **Tendências, Expectativas e Possibilidades no Cenário Contemporâneo em Educação Profissional e Sistemas Produtivos.**

daquele momento assumindo o compromisso com a função sócio ocupacional e tecnológica, assim descrita:

A equação que buscamos solucionar envolve o fortalecimento da identidade dos cursos técnicos, sua sintonia com as vocações e peculiaridades regionais e a necessidade de ampliação de sua visibilidade. As combinações desses fatores objetivam ampliar a sua oferta e propiciar, aos estudados, um guia de escolha profissional e ao setor produtivo, maior clareza entre oferta educativa e sua relação com os postos de trabalho (Ofício GM/MEC n. 203/2007 cf. Parecer CNE/CEB n. 11/2008)

A aparente flexibilidade apresentada na proposta de texto para esse documento deflagra a necessidade de adaptação aos novos interesses da educação profissional e tecnológica dada suas especificidades e abrangência de conteúdos.

Inicialmente foram listados dez eixos tecnológicos para o ensino técnico e doze para o ensino superior. Dentre estes, localiza-se o eixo de *Produção Cultural e Design*, no qual constam 30 títulos de cursos técnicos<sup>5</sup>, sendo 16 deles ofertados no Centro Paula Souza<sup>6</sup> e nenhum no nível superior tecnológico. Esse eixo destaca-se por apresentar características que o diferenciam de outras áreas, uma vez que ligado à produção artística e cultural, mas conservando também como imperativo a capacidade de utilizar, desenvolver e adaptar tecnologias com a compreensão crítica e articulada com as necessidades da sociedade, comum a outras áreas do conhecimento.

### **2.3. Panorama institucional - o eixo de Produção Cultural e Design no Centro Paula Souza e suas principais características**

A Cetec – Unidade de Ensino Médio e Técnico do Centro Paula Souza criou em 2008, um setor responsável pela criação de novos currículos conhecido como *Laboratório de Currículos*. Esse setor reúne profissionais que são convidados para compor os grupos de estudo para análise e reformulação curricular e estes devem apresentar experiência docente (no caso de professores) e de mercado (para profissionais e professores) para estruturação do plano de curso. Por sua vez, o plano de curso é constituído por capítulos que atendem as normativas exigidas pelas legislações e diretrizes, entre as quais o CNCT é um deles, além da *Classificação Brasileira de Ocupações (CBO)* e de consulta indicada ao mercado empregador. Esses currículos propõem que a identidade da instituição seja preservada independente da

<sup>5</sup> Última atualização realizada em 01/2014.

([http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=41271-cnct-3-edicao-pdf&category\\_slug=maio-2016-pdf&Itemid=30192](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=41271-cnct-3-edicao-pdf&category_slug=maio-2016-pdf&Itemid=30192))

<sup>6</sup> Cetec - Unidade de Ensino Médio e Técnico do Centro Paula Souza oferece os dados atualizados no banco de dados das Escolas Técnicas Estaduais do Estado de São Paulo. (<http://bdcetec.azurewebsites.net/index.php>)

**Tendências, Expectativas e Possibilidades no Cenário Contemporâneo em Educação Profissional e Sistemas Produtivos.**

natureza do curso, para tal, a organização curricular dos cursos apresenta conhecimentos comuns para formação profissional dos alunos como produção de textos técnicos, noções de empreendedorismo, inglês instrumental e desenvolvimento de projetos.

Como apresentado antes, são 30 especialidades listadas no CNCT do eixo de *Produção Cultural e Design*, sendo que o Centro Paula Souza oferta 16 cursos em 22 Etecs - Escolas Técnicas Estaduais, em que todos os cursos são oferecidos nas modalidades concomitante e subsequente, sendo apenas dois destes na modalidade integrada ao ensino médio. Apenas uma Etec tem proposta vocacional, a Etec de Artes localizada na cidade de São Paulo, com cursos nas áreas de Dança, Canto, Regência, Design de Interiores e Processos Fotográficos. Este último figura a maior demanda por aluno/vaga da escola e está dentre os cursos mais procurados do Estado<sup>7</sup> de São Paulo.

Comumente associado à formação humanística e cultural – como se outras áreas não o fizessem - os cursos desse eixo apresentam suas semelhanças em termos de conteúdos artísticos, estes por sua vez considerados essenciais para formação estética do aluno. Espera-se que a partir dos referenciais usados na forma de aula teórica, seus alunos “construam” seu repertório visual para aplicação cotidiana no curso e espera-se que seja ampliada na vida profissional futura.

Ainda conforme o CNCT, o perfil de profissionais formados sob esses cursos apresenta a seguinte descrição:

Compreende tecnologias relacionadas com representações, linguagens, códigos e projetos de produtos, mobilizadas de forma articulada às diferentes propostas comunicativas aplicadas. Abrange atividades de criação, desenvolvimento, produção, edição, difusão, conservação e gerenciamento de bens culturais e materiais, ideias e entretenimento, podendo configurar-se em multimeios, objetos artísticos, rádio, televisão, cinema, teatro, ateliês, editoras, vídeo, fotografia, publicidade e nos projetos de produtos industriais (BRASIL, 2016)

A abrangência dessas características compreende de certa forma a maioria dos cursos do eixo, sendo que os fatores designados como “criativo”, “imaginativo” e “inventivo” os mais enfatizados como as qualidades associativas principais desejadas e responsáveis por inovações em termos tecnológicos o que, evidentemente, no limite, não seria somente o caso desse eixo em especial. Bens materiais e imateriais são contemplados nessa visão do catálogo, assim como o design, a comunicação, as mídias e se encerra fazendo citação aos campos de atuação possíveis. Em todos eles, o técnico ou tecnólogo formado por um dos cursos do eixo desenvolve sensibilidades para construção de uma ideia, argumento, objeto, ação, programa, peça, entre

---

<sup>7</sup> Segundo o site [www.vestibulinhoetec.com.br](http://www.vestibulinhoetec.com.br)



### **Tendências, Expectativas e Possibilidades no Cenário Contemporâneo em Educação Profissional e Sistemas Produtivos.**

outras possibilidades, e isso é garantido por meio da estrutura curricular mínima exigida.

Percebe-se desde logo a correlação entre processos artísticos ligados à produção cultural e, portanto, a ideia de uma formação que permita a correspondência entre processos criativos e a participação social em um segmento de trabalho específico, que tem no ato expressivo e inventivo sua prioridade, fruto da fusão das mais variadas técnicas e estéticas.

A partir desse traço real da oferta de cursos e da organização curricular, a discussão promovida pelas teorias de Simondon e Mumford são refletidas na estrutura educacional. O eixo tecnológico de Produção Cultural e Design se volta a pensar na construção de objetos em diferentes formatos como um móvel, projeto de decoração, prancha de sinalização, imagem fotográfica ou partitura, etc., sem que se perceba a incorporação desses como extensão dos referenciais culturais nas quais estes são construídos, se encarregando muitas das vezes do seu fim utilitário, distinguindo sua condição unitária de ser arte - esta arte referida se manifesta enquanto linguagem e expressão – e de ser objeto técnico.

## **3. Resultados e Discussões**

### **3.1. Remontando as compreensões em busca da centralidade**

Considerando o histórico e as perspectivas propostas de formação do profissional do eixo tecnológico *Produção Cultural e Design* e suas implicações, o que se percebe é uma distinção que vai além da desgastada evidência entre teoria e prática, que se expressaria pobremente em um binômio arte e técnica, respectivamente. Inúmeras são as contribuições didáticas e reflexivas propostas por tantos autores que desfazem essa dicotomia que se apresenta com características tão distintas, porém, parecem pouco exploradas em nível educacional, incluindo a própria formação técnica e tecnológica. Logo nesse nível que reconhecidamente teria como *locus* privilegiado de atuação e de discussão as novas tecnologias. Sendo assim, caberia questionar quais seriam as fronteiras, e se existem, e as relações entre arte e técnica na educação profissional e tecnológica?

Essa distinção e debate não são claros e costumam ser pouco evidenciados, mas podem ser empiricamente localizados no cotidiano dos cursos técnicos, manifestando-se nos currículos, nas discussões sobre criação e nos projetos escolares, inclusive conforme a própria percepção e experiência de um dos autores desse artigo junto à Cetec, trabalhando diretamente no

**Tendências, Expectativas e Possibilidades no Cenário Contemporâneo em Educação Profissional e Sistemas Produtivos.**

referido eixo dentro da instituição. Em políticas públicas, também, esse debate aparece por meio de instrumentos como o *Catálogo Nacional dos Cursos Técnicos*, mais especificamente quando se aborda em um texto sobre a disciplina História da Arte. Cada curso dado sua especificidade apresenta dentro do seu universo a melhor compreensão dessa *história* para a área de formação relacionada, porém, a problematização do objeto estético diante do objeto da técnica não se manifesta nas propostas curriculares que garantiriam a ampliação do conceito e principalmente, a incorporação da ideia que estes são frutos da representação social.

Todavia, é mesmo no fazer diário que se busca alinhar essas diretrizes e reduzir o abismo criado entre técnica e arte, evidenciando que suas contribuições são constitutivas de um processo de educação para o trabalho artístico de produção cultural.

Uma vez garantida pela sua instituição política, como no caso do previsto no CNCT, as características que destacam os cursos do eixo tecnológico de *Produção Cultural e Design* estão no seu caráter criativo, no compromisso com o saber inventivo – também apresentado sobre a alcunha de inovação - onde alia-se a arte e a técnica sem as distinções que bibliograficamente e empiricamente se faz ver como algo distinto e que merece aprofundamento por meio de pesquisas e análises direcionadas nesse sentido.

Um problema que surge é que se espera, por meio de uma disciplina como História da Arte, ainda que diferenciadas em função das especificidades dos diferentes cursos do eixo, de um lado, mais o ensino de técnicas próprias da atuação profissional, por outro lado, dar conta do entrelaçamento entre cultura, arte e técnica, de maneira a preparar técnicos críticos e capacitados para inovações, como requer e propõem os documentos oficiais.

Embora, ambos os lados sejam fundamentais no processo formativo, ainda parece se manter a dicotomia tradicional entre teoria e prática, arte e técnica, traduzidos respectivamente por História da Arte (teoria) e técnicas artísticas específicas conforme a área (prática). Como se viu, essa separação não se sustenta enquanto central pois costumam, em tese, tratar os extremos sem se aprofundar na própria relação, esta sim mais central do ponto de vista sociocultural.

Basta lembrar aqui, a título de ilustração, uma perspectiva levantada pelo advento da câmera fotográfica em tempos que as técnicas clássicas da pintura e do desenho como exemplo, determinavam os códigos não verbais de comunicação e de como a partir da chegada do aparelho fotográfico, este apresentou para o mundo uma nova forma de se relacionar com a técnica sem esta se distanciar do caráter artístico no qual eram conferidas as obras reconhecidas como clássicas. Em busca de evidenciar essa passagem, Flusser colabora com a seguinte compreensão entre a imagem produzida antes e depois do aparelho técnico:

(...) há um agente humano (pintor, desenhista) que se coloca entre elas e seu significado. A codificação se processa “na cabeça” do agente humano, e quem



**Tendências, Expectativas e Possibilidades no Cenário Contemporâneo em Educação Profissional e Sistemas Produtivos.**

se propõe a decifrar a imagem deve saber o que se passou em tal “cabeça”. No caso das imagens técnicas, a situação é menos evidente. Por certo, há também um fator que se interpõe: um aparelho e um agente humano que o manipula. (FLUSSER, 1989).

A técnica referida por Flusser está no sentido ontológico de que o objeto que interpõe o processo de criação – a câmera cria uma ambiguidade de interpretação sobre o sentido da criação da imagem. O fotógrafo ao enquadrar o mundo para transformar em fotografia, usa da técnica de manipulação do aparelho, dependendo da situação cria as condições necessárias para resolver a inexistência de iluminação e essas competências operacionais e conceituais que justificam a criação daquela imagem, empregando o conhecimento adquirido na formação.

Assim, considerando essas invisíveis linhas que separam a técnica de arte, para reforçar, ainda é possível se reportar à colaboração de Walter Benjamin destacada abaixo e apresentada no clássico ensaio *A obra de arte na sua era reprodutibilidade técnica* buscando descrever o lugar dessa arte na obra cinematográfica, assim:

(...) aquela que se deixa fazer de um acontecimento fictício em um estúdio cinematográfico. No primeiro caso, o objeto reproduzido é uma obra de arte e sua produção não o é. Pois o desempenho do fotógrafo com a objetiva cria tão pouco uma obra de arte como o de um regente diante de uma orquestra; no melhor dos casos, cria um desempenho artístico. (BENJAMIN, 2012 p.180).

Ora, não seria essa uma capacidade inerente em todos os processos de criação uma vez que a parte comum dos cursos do eixo é dedicada ao desenvolvimento estético visual?

Simondon (1989), considerando que nos conjuntos técnicos do século XX a energética termodinâmica é substituída pela teoria da informação, questiona-se sobre quem poderia realizar uma tomada de consciência do objeto técnico de forma a introduzi-lo na cultura, não como um sistema de defesa. Para ele essa tomada de consciência dificilmente se daria por aquele que é “ligado a uma só máquina pelo trabalho e pela fixidez dos gestos cotidianos”, nem mesmo a um conhecimento científico que “vê em um objeto técnico a aplicação prática de uma lei teórica” e “tampouco está no nível do domínio técnico” (p. 11).

Simondon evocará, num primeiro momento, que a possibilidade dessa tomada de consciência, ou seja, de uma mudança de estatuto da relação entre técnica e cultura, seria desempenhada pelo papel de um “engenheiro de organização, que seria como o sociólogo e o psicólogo das máquinas, vivendo no meio dessa sociedade de seres técnicos da qual ele é a consciência responsável e inventiva” (p. 13). Em um segundo momento, ele dá nome de um ator responsável e central que estaria ao lado do sociólogo e do psicólogo, qual seja “o tecnólogo, ou mecanólogo” (p.13). E assim como Benjamin, mas de outra maneira, Simondon recorre à figura do maestro de orquestra para explicar como seria essa atuação, que deve ir além de meramente um espetáculo:

### **Tendências, Expectativas e Possibilidades no Cenário Contemporâneo em Educação Profissional e Sistemas Produtivos.**

Longe de ser o vigia de um grupo de escravos, o homem é o organizador permanente de uma sociedade de objetos técnicos que precisam dele como os músicos precisam do maestro. O maestro da orquestra só pode reger os músicos porque ele interpreta, como eles e tão intensamente quanto todos eles, a peça executada. Ela acalma ou apressa os músicos, mas é também acalmado e apressado por eles; de fato, através dele, a orquestra acalma e apressa cada músico. Ele é para cada um deles a forma movente e atual do grupo em sua existência presente; ele é o intérprete mútuo de todos com relação a todos. Assim, o homem tem por função ser o coordenador e o inventor permanente das máquinas que estão à sua volta. Ele está entre as máquinas que operam com eles (SIMONDON, 1989, p.11).

O detalhamento do papel do chefe de orquestra dado por Simondon refere-se à sua *relação* efetiva com os músicos da orquestra (os objetos técnicos), toda potência está na gênese entre a arte da regência e a capacidade técnica dos músicos, para se ir além de um simples desempenho artístico, como salientava Benjamin em relação ao fotógrafo e a objetiva.

Em outras palavras, a centralidade está na relação arte-técnica, no “e” ou no hífen que os une e que, se transportado para as questões que circundam o eixo tecnológico de Produção Cultural e Design, justificam que essa mesma centralidade se imponha e requisite estudos e pesquisas mais específicos para essa área dentro da educação profissional e tecnológica.

## **5. Considerações finais**

Este artigo buscou apresentar dentro de um panorama institucional, como as políticas públicas voltadas para a formação e trabalho propõem que instituições privadas e públicas possam ofertar cursos técnicos de nível médio.

Para tal, considerações sobre a proposta de organização curricular do MEC, por meio da Secretaria de Ensino Tecnológico, publicou o Catálogo Nacional de Cursos Técnicos relacionando todos os cursos técnicos por área do conhecimento. Dentre os eixos listados, *Produção Cultural e Design* foi objeto de observação por apresentar características específicas que comumente são associadas ao caráter inovador que é inerente a qualquer formação educacional, mas que dentro do eixo são distintas pela sua forma de tratamento em nível curricular, gerando uma distinção inexistente entre arte e técnica, diminuindo a forma como essa primeira pode coexistir na prática diária da escola e conseqüentemente no mercado a posteriori.

As contribuições trazidas pelos filósofos e educadores que pensam na arte em diferentes níveis, assim como da técnica e sua relação com o fazer, ampliam as compreensões acerca dessa dicotomia bastante difundida, mas pouco abordada em artigos acadêmicos e no nível da pesquisa no ensino superior.

**Tendências, Expectativas e Possibilidades no Cenário Contemporâneo em Educação Profissional e Sistemas Produtivos.**

Conforme essas contribuições, se percebeu que o tratamento pautado em teoria-prática com correspondência quase imediata traduzidas em disciplinas como história da arte e técnicas artísticas se mostram, embora importantes e fundamentais, insuficientes para dar conta de algo que se apresenta como centralidade para o eixo, que é a relação entre arte e técnica em seu contexto sociocultural. A detecção da existência ou não dessa centralidade empiricamente, ou mesmo sua incorporação para o eixo em questão, parece abrir espaços promissores de pesquisas e auxiliar numa visão mais ampliada desse tipo de formação, técnica e tecnológica.

**Referências**

BENJAMIN, Walter. A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica. In **Magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 2012. p. 179-212.

BRASIL. Ministério da Educação. Setec. Catálogo Nacional dos Cursos Superiores de Tecnologia. Brasília, jul. 2006c. Disponível em: [http://catalogo.mec.gov.br/anexos/catalogo\\_completo.pdf](http://catalogo.mec.gov.br/anexos/catalogo_completo.pdf)> Acesso em 01/07/2016.

\_\_\_\_\_. Conselho Nacional de Educação. Câmara da Educação Básica. Parecer nº 11 de 12 de julho de 2008. Proposta de instituição do Catálogo Nacional de Cursos Técnicos de Nível Médio. Brasília, 2008.

FLUSSER, VILLEN. **A filosofia da caixa preta – sobre o futuro da fotografia**. São Paulo: Editora Loyola, 1989.

MACHADO, LUCILIA R. SOUZA. Organização da educação profissional e tecnológica por eixos tecnológicos. In. **Linhas Críticas**, Brasília, DF, v. 16, n. 30, p. 89-108, jan./jun. 2010.

MUMFORD, Lewis. **Arte e Técnica**. São Paulo: Martins Fontes, 1986.

SIMONDON, Gilbert. **Du Mode d'existence des Objets Techniques**. Paris: Aubier - Montaigne, 1989.